

# Mudança no sistema

► Professor da Universidade Federal Fluminense analisa o que é preciso fazer para ter uma defesa civil operante e aplicável

O coordenador do único mestrado em Defesa e Segurança Civil do Brasil, Airtton Bodstein, considera o seu envolvimento com a área uma missão. Na infância, sonhou em ser médico, bombeiro e militar, mas foi na vida adulta que descobriu que poderia atuar junto a esses profissionais trabalhando questões de defesa civil. Esse foi um longo caminho. O gosto pela química o fez optar por Farmácia na graduação. Após o doutorado, passou a trabalhar a questão da água e sustentabilidade. Foi no desenvolvimento do Programa Managé, em que trabalhava a gestão de uma bacia hidrográfica no Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais, que passou a conviver com o problema

de enchentes e teve seu primeiro contato com a defesa civil. Com formação no Brasil e no exterior, o professor tem um amplo conhecimento em defesa civil. Já foi chamado para auxiliar na implantação de um sistema em Moçambique, dá aulas na França e no Brasil, participa de discussões em nível governamental. Nessa entrevista, fala de suas experiências e dos problemas enfrentados pela defesa civil no país. “Eu quero contribuir para a mudança no sistema”, garante o professor, que une teoria e ações concretas.

Por Paula Barcellos

## COMO O SENHOR AVALIA O SISTEMA DE DEFESA CIVIL HOJE NO PAÍS?

Eu vejo a questão da defesa civil no Brasil hoje como a do Meio Ambiente 20 anos atrás. Tínhamos uma legislação muito boa, mas não era aplicada. Não havia fiscalização, multa, conscientização. Então, ficava no papel. A defesa civil está nesse nível. Possui um arcabouço legal interessante e um sistema tecnicamente bem elaborado, mas ele não é aplicado. A grande gravidade é que não há capilaridade. Esse sistema não chega ao cidadão, que não é chamado a participar e só ouve falar disso na hora do desastre. O sistema de defesa civil trabalha o tempo todo em resposta, e a reconstrução é parcial. Está muito frágil ainda, longe de ser

operante e aplicável.

## AS COMUNIDADES SÃO PREPARADAS NO BRASIL PARA O GERENCIAMENTO DE RISCOS?

Essa preparação não existe. Primeiro você precisa classificar a população em níveis de sensibilização. Uma população que sofreu o sinistro é mais sensível. Aquela que viu de perto, com um vizinho ou parente, também tem uma sensibilidade maior. Tem gente que nunca sofreu desastre e acha que nunca vai acontecer com ele. Há ainda os que são bem informados, mas não respeitam. O brasileiro não tem cultura de prevenção. Precisamos de uma cultura brasileira de prevenção de desastre. Todos têm que

estar envolvidos: imprensa, o governo estadual, federal e municipal, ONGs. Mas nossa cultura tem três premissas que trabalham contra isso. “Deus é brasileiro”, então se a maior entidade é brasileira, eu não preciso me preocupar com nada. Se Deus descansar e bobear, “o jeitinho brasileiro vai resolver”, o que é uma desvantagem, pois é imprevisto, não é profissional. E o terceiro é se nada der certo, “foi fatalidade, Deus quis assim”. Temos que trabalhar as pessoas. Uma grande ação de prevenção, na verdade, parte do próprio cidadão, do comportamento e da percepção dele. E isso não é só frente a grandes desastres, mas também a acidentes domésticos. Temos que criar uma cultura.

## QUAL O CAMINHO PARA ISSO?

Temos que começar a criar campanhas nacionais para a prevenção a desastres e acidentes, trabalhar nas escolas, usar imagens fortes em certos momentos.

## O QUE PRECISARIA SER FEITO IMEDIATAMENTE PARA ENFRENTAR A QUESTÃO DAS CHUVAS E ENCHENTES?

A maioria dos desastres hoje no mundo é de origem hídrica. No Brasil não é diferente, a maior movimentação da defesa civil é por enchente, inundações ou estiagem. Mas a política nacional de defesa civil está no Ministério da Integração Nacional e a política de recursos hídricos está no Meio Ambiente e um não conversa com o outro. Um trabalha pesquisando a origem sem se preocupar se isso causa problema, e o outro estuda o problema sem se preocupar com a origem. Participo da Câmara Técnica do Conselho Nacional de Recursos Hídricos há uma década e nunca se falava dos desastres ocasionados por água. Há



**PERFIL**  
**AIRTON BODSTEIN**

É doutor em Química Ambiental pela École Nationale Supérieure de Chimie de Rennes, na França. Já o Pós-Doutorado iniciou na Oregon State University, EUA. Formado em Farmácia, com especialização em Bioquímica e mestrado em Geoquímica pela Universidade Federal Fluminense (UFF), coordena o Programa de Pós-Graduação (stricto sensu) em Defesa e Segurança Civil na mesma universidade. Dá aulas no mestrado em Defesa Civil da Universidade Paul Verlaine-Metz. Na Câmara Técnica do Conselho Nacional de Recursos Hídricos, coordena há um ano um Grupo de Trabalho sobre desastres ocasionados por água. Também participa da reunião dos facilitadores em Brasília, na Secretaria Nacional da Defesa Civil, onde está revendo conteúdo e a forma de transmitir de manuais de cursos para bombeiros e defesa civil.

VALDIR LOPES

um ano sugeri a criação de um Grupo de Trabalho para estudar isso. Agora estou fazendo a ligação da defesa civil com eles. Para mim, o ideal seria que essas políticas estivessem no mesmo ministério, no Meio Ambiente ou na Casa Civil. A Integração Nacional não tem correspondentes nos estados e municípios, já o Meio Ambiente tem secretarias estaduais e municipais. Se a defesa civil estivesse nesse ministério teria uma capilaridade muito maior.

### COMO OS TRABALHOS SOBRE RECURSOS HÍDRICOS PODEM ENVOLVER A DEFESA CIVIL?

No mestrado em Defesa e Segurança Civil, temos uma preocupação muito grande com isso. Há uma disciplina específica voltada para desastres provocados por água. Temos que intensificar a pesquisa com essa visão. Muito se fala em recursos hídricos e sustentabilidade, em garantir água para as novas gerações, mas se todo mundo morrer antes por desastre, não haverá futuro. Há uma questão de concepção política na defesa civil, que não é entendida como importante. Achar que ela é setORIZADA é outro equívoco. Foi um erro colocar na Constituição que cabe aos bombeiros ações de defesa civil. Cabe ao Estado como um todo. Os bombeiros têm um papel fundamental na defesa civil, mas não devem ser os únicos responsáveis, devem atuar em resposta. Podemos dividir a sociedade em quatro grupos. Primeiro o grupo de quem decide – os governadores, ministros, prefeitos, que precisam ser trabalhados. Também temos os técnicos, que conhecem e estudam os problemas, podem alertar, mas não decidem. Há o grupo das lideranças comunitárias e religiosas, que deve ser treinado, sensibilizado e mobilizado, pois a população como um todo quer uma liderança em que confie. Já a imprensa faz essa ponte toda e transita entre o executivo, o técnico e o líder. A comunicação é muito importante e precisamos criar uma mídia especializada nisso. A minha preocupação não é fazer um mestrado que forme 30 pessoas por ano. Eu quero contribuir para a mudança no sistema.

### COMO E POR QUE FOI CRIADO O MESTRADO EM DEFESA E SEGURANÇA CIVIL NA UFF?

Coordenei o Programa Managé, um projeto de extensão da UFF em gestão de bacia hidrográfica focada no desenvolvimento sustentável. Atuei em uma região com 18 municípios e três estados. Nesse período, vi enchentes com respostas equivocadas e o despreparo total da defesa civil. Após um desastre de enchente, uma pessoa participou de uma reunião da defesa

civil e me passou o que foi discutido. Me interessei pelo assunto. O programa agia em uma região de fronteiras – Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas. Decidi, então, fazer um workshop sobre defesa civil, chamando os três estados e alguém da defesa civil nacional. Vi que os estados não tinham o mesmo operacional e nenhuma lógica de trabalho conjunto. Também conversei muito com o representante nacional. Passados 20 dias, recebi um convite para participar de um seminário na Alemanha, que avaliava as políticas públicas de lá e do Brasil. O Ministro da Integração Nacional também estava na comitiva. Na época, era o Pedro Britto. Durante quatro dias conversei com ele sobre as fragilidades que eu via no sistema nacional. Ele me convidou para ir a Brasília. Dei uma palestra para toda equipe do ministério e falei da necessidade de criar um curso de pós-graduação nessa área. O ministro disse que queria o curso e solicitou a criação ao reitor da UFF. Foi o primeiro mestrado da UFF criado por demanda. Um mestrado de defesa civil precisa trabalhar o embasamento científico, porque o operacional já é feito pelos bombeiros. Precisamos saber por que ocorre um desastre; como organizar a sociedade para participar; e dar esse instrumental para o bombeiro atuar melhor.



A minha preocupação não é fazer um mestrado que forme 30 pessoas por ano. Eu quero contribuir para a mudança no sistema.

### O SENHOR TAMBÉM FEZ TRABALHOS COM A DEFESA CIVIL EM MOÇAMBIQUE?

Recebi um ofício do ministro de Ciência e Tecnologia de Moçambique, dizendo que tinha interesse em mandar para o Rio dois oficiais para o mestrado. A Capes aprovou, e os dois vieram para cá. Ambos atuavam na polícia nacional de Moçambique. Mas o país queria trabalhar a gestão da defesa civil e me convidaram. Meu aluno me passou informações sobre o país e montou um plano de entrevistas para mim. Lá fui recebido pelo ministro. Para você proteger alguém, você tem que conhecer as vulnerabilidades dele. Para a área militar, isso é terrível, porque eles querem esconder as vulnerabilidades. Em alguns setores, o ministro precisou impor que respondessem a minha entrevista. Depois eu quis conhecer o interior do país, onde a situação é muito difícil. Moçambique é formado por 18 etnias. Cada uma fala uma língua,

e o português não é falado por todos. Eles têm também a figura do curandeiro, que é um líder religioso espiritual e tem o líder dos líderes. Eu quis entrevistar um deles. Foi complicado porque o sistema oficial não reconhece esse líder, mas ele tem um poder imenso, cura as pessoas de doenças e espiritualmente. O interesse deles é a criação de um mestrado equivalente lá.

### UMA DAS BANDEIRAS DA SECRETARIA NACIONAL DE DEFESA CIVIL É CRIAR UMA CARREIRA DE AGENTE CIVIL. COMO O SENHOR VÊ ISSO HOJE?

Acho fundamental, e a estratégia de criar o mestrado em defesa civil já foi nessa linha, para preparar gestores de segurança. Nos Estados Unidos, quando acontece algo grave, a primeira resposta é local. Então, você tem que preparar o município para resistir pelo menos nos três primeiros dias até que chegue ajuda. No Brasil, devíamos ter agentes de defesa civil no país todo como reservistas, treinados periodicamente, um núcleo de resposta em cada bairro. Cada cidade com alto potencial de risco poderia ter um container dimensionado para atender as necessidades da população mais vulnerável, com estoque de água, roupa, higiene, alimentos. Houve um desastre, isso daria para atender dois, três dias.

### AS COORDENADORIAS MUNICIPAIS DE DEFESA CIVIL TÊM TRABALHOS NESSE SENTIDO?

Tenho um aluno, Marco Antonio Rezende, que é bombeiro e foi da defesa civil do município do Rio de Janeiro e hoje ele é coordenador da defesa civil de Rezende, um município pequeno. Na dissertação dele, nós vamos propor mudanças para as Comdecs. Uma das sugestões é uma estrutura em cada bairro. Outra é realizar pregão, fazer listagem de preço e ter um acordo com as empresas sobre esse valor por seis meses. Quando ocorre um desastre, eu vejo quem é minha primeira opção. O preço vai ser melhor, não vai ter isso de comprar do amigo ou comprar superfaturado porque é emergência. Na pesquisa, ele mandou questionário para os 92 municípios do Rio de Janeiro. A idéia é ter um panorama atual das Comdecs. Acho que o governo federal e os estados têm que assumir essa indução de organização e operacionalização das Comdecs. Os prefeitos não estão sensibilizados, e não veem importância nisso. Eles indicam geralmente um amigo sem qualquer qualificação para ser coordenador da defesa civil. Nós temos que rever a implantação das Comdecs. Para mim, seria necessária uma força tarefa federal e estadual, com papel de indutores.